



OS TÍTULOS QUE FIZERAM A MINHA CABEÇA

Giovanni Ettore Nanni, sócio do Escritório Tozzini Freire, fala sobre a experiência como professor de Direito Civil e de seu interesse por biografias

Forimei-me na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em 1993. Hoje sou professor de Direito Civil dessa escola. Um ano após minha formatura, comecei como assistente do professor Renan Lotufo. Também dou aula no mestrado. Acredito que falte uma leitura específica em Direito Civil. Entretanto, não é por não existirem opções – há muitas –, mas o aluno é que lê pouco. Há necessidade de que frequentem com mais assiduidade os manuais tradicionais, mas o que vejo é o movimento inverso. Cada vez mais leem resumos, como os preparatórios para exame da OAB. Isso é ruim para a formação. Direito Civil é importante para quem atua na área empresarial, principalmente com fusões e aquisições, mas acaba muitas vezes negligenciado.

Tenho apreço especial por Direito das Obrigações. O autor que mais admiro nessa área é Agostinho Alvim. Gosto de sua forma de escrever e, em especial, do livro *Da Inexecução das Obrigações e Suas Consequências*. Ele foi autor de uma das partes de nosso Código Civil, de 2002. Renan Lotufo, aluno de Agostinho e meu orientador, é autor de dois volumes do *Código Civil Comentado*, muito bons. Outro autor referência é Antonio Junqueira de Azevedo, recentemente falecido, que foi professor da USP. Também destaco, entre os autores tradicionais, Pontes de

Miranda, Clovis Bevilacqua, Orlando Gomes e Caio Mário da Silva Pereira. Foram todos esses que influenciaram meu pensamento acadêmico. Recomendaria para qualquer interessado no estudo do Direito Civil.

Já em História de Direito, certamente Franz Wieacker, John Gilissen e Raoul C. Van Caenegem são os autores que mais me influenciam e, toda vez que vou escrever um artigo jurídico, sempre início pela parte histórica. Por isso, recorro a esses autores e também aos de Direito Romano – a base do Direito Civil.

O tema de meu mestrado foi a responsabilidade civil do juiz e o do doutorado no enriquecimento sem causa. É um tema recorrente, mas pouco explorado, até doutrinariamente, por isso me senti encorajado para escrever, por essa falta de bibliografia. Agostinho Alvim escreveu um livro sobre esse assunto que me serviu de inspiração, pela sua forma de escrever, pela clareza das ideias, pelo pensamento retilíneo. Tive a plena certeza de que era sobre aquilo que eu queria escrever.

A arbitragem

Quando se imagina a arbitragem como um instrumento válido e eficaz, é preciso pensar em sua aplicabilidade prática. O mais relevante quando se pensa em arbitragem é a confiança e a credibilidade. As partes têm de saber que

podem levar seu problema para as mãos dos árbitros. O crescimento que a arbitragem vem tendo no Brasil em tão pouco tempo evidencia essa credibilidade. Ela antes era vista com descrédito e resistência. Logo após o advento da lei, em 1996, sua constitucionalidade foi questionada no Supremo Tribunal Federal (STF). Em 2001, o STF decidiu que era constitucional e, a partir de então, a arbitragem ganhou novo impulso em nosso país.

O projeto de lei, que depois foi para o Congresso, foi elaborado por Selma Maria Ferreira Leme, Carlos Alberto Carmona e Pedro Batista Martins. Sem dúvida porque eles saíram na frente expondo suas ideias em defesa do instrumento. Há um crescimento de estudos teóricos sobre arbitragem no Brasil, hoje, e muitos pesquisadores apresentando esse tema para seus estudos de mestrado e doutorado. Estamos passando dos conceitos genéricos para um aprofundamento na teoria, pois até agora era quase tudo apenas sobre a aplicação. Essa é uma evolução em curto espaço de tempo, um avanço notável. Entre os autores estrangeiros, gosto dos escritos de Eduardo Silva-Romero – um grande expoente –, merecendo destaque também a obra de consulta obrigatória de Fouchard, Gaillard e Goldman, *On International Commercial Arbitration*. Especialmente na França, há uma tradição de estudo de arbitragem, em pesquisa teórica e acadêmica. Aqui focamos mais no que se faz na Europa, onde há uma problematização dos conceitos, uma discussão. Há um livro recente do português Manuel Pereira Barrocas, o *Manual de Arbitragem*, que é muito bom.

Paixão por biografias

Estou lendo atualmente uma biografia de George Best, um jogador de futebol da Irlanda do Norte, da década de 1960, comparável a Pelé e Maradona. Como jogava na Inglaterra, no Manchester United, numa época em que não havia transmissão das partidas para cá, ele não ficou muito conhecido entre nós, inclusive porque nunca participou de uma Copa do Mundo. George faleceu em 2005 e só então ganhou notoriedade. Quando fui para a Inglaterra comprei este livro, *Our George: A Family Memoir*, escrito por Barbara Best, sua irmã. O jogador era muito carismático.

Pelo que pude constatar, ele tinha a fisionomia e o cabelo dos Beatles, tanto que falavam, na época, que ele era o quinto beatle. Com muitos problemas na vida pessoal, por causa do consumo de bebidas e mulheres, ele acabou desenvolvendo uma cirrose. Fez um transplante de fígado, que não deu certo, e morreu de falência múltipla dos órgãos. Talvez minha próxima aquisição seja a autobiografia dele. Eu já li um livro de um autor português sobre ele, *Simply the Best*. Nele, diz que, pouco antes de morrer, George recebeu uma carta que terminava assim: “Assinado pelo segundo maior jogador da história, Pelé”. Mas não sei se é verdade.

Gosto de ler biografias ligadas a música, cinema e esporte, especialmente

Leio uma biografia de George Best, jogador de futebol dos anos 60, comparável a Pelé e Maradona. Como jogou na Inglaterra, numa época sem transmissão de partidas, não é conhecido entre nós

futebol. Já li a história de Telê Santana, do João Saldanha, do Paulo Machado de Carvalho, Domingos da Guia, Garincha, Quarentinha e Bobby Charlton. Nos Estados Unidos, comprei a biografia de Michael J. Fox. Mais ou menos quando encontrei o livro dele, meu pai tinha acabado de constatar que tem mal de Parkinson, assim como o Michael. Ele leu também e fez comparações com o relato do ator que achei interessantes.


Na música, já li a história de Jerry Garcia, um americano conhecido como precursor do punk rock nos Estados Unidos. Era líder da banda Great Full Dead. É bem interessante a história de sua ascensão. Para mim, Rolling Stones é a melhor banda de rock de to-

dos os tempos. Tem ainda o livro *Pops*, sobre a vida de Louis Armstrong; *Sweezy Thunder: The Life and Times of Sugar Ray Robinson* e *Last Train to Memphis: The Rise of Elvis Presley*, minhas últimas aquisições, mas ainda não tive tempo de começar a ler.

Gostei muito do romance *A Sombra do Vento*, que fez bastante sucesso, mas ultimamente tenho sido mais constante com esse veio das biografias. Toda vez que viajo e vejo uma coisa nova, compro. Demoro a ler, mas fica na fila [risos]. Recentemente mandei fechar uma parede no meu escritório, mas ainda há muito espaço. Acabo comprando muitos livros jurídicos também, mais do que não jurídicos, pois gosto muito de escrever e quero ter todos os livros sobre determinado tema de meu interesse. Há alguns que posso nunca usar, mas preciso ter, é como um sonho de consumo.

Ídolos do rock e cinema

Há alguns meses estava em Las Vegas e fui ver dois espetáculos do Cirque du Soleil. Um deles era o *Viva Elvis*, em que as canções eram interpretadas ao vivo. O outro foi *Love*, só com músicas dos Beatles. Foi o maior espetáculo que vi na vida. As composições foram pouco alteradas, apenas remasterizadas ou remixadas, porque foi produzido por George Martin, o produtor dos Beatles.

Tempo para mim é uma preciosidade, mas procuro conciliar a diversão com o trabalho. Gosto muito de música, principalmente depois do advento do Ipod. Meus amigos dizem que ele é muito eclético, pois, além de bastante rock, tem de tudo: pop, música brasileira. Também gosto muito de ir a shows. Recentemente assisti no cinema a *Baaria – A Porta do Vento*, de Giuseppe Tornatore. Tem a ver com a Itália e meu pai é italiano, por isso me interessei. O filme retrata a juventude de um homem nos anos 1930, quando meu pai nasceu. Queria ver na tela tudo aquilo que ouvi meu pai contar – e gostei bastante. Aprecio os filmes de Martin Scorsese, Francis Ford Coppola e de alguns diretores italianos, mas não excluo ninguém. Às vezes a diversão de ver um filme qualquer é interessante. 

[Depoimento recolhido por Gabriella de Lucca]